



Caminhar juntos(as): os grupos nas adolescências e nas juventudes nas escolas católicas

*Walking together: groups in adolescence and youth at
Catholic schools*

JONATHAN FELIX DE SOUZA ^a

BRUNO MÁRCIO DE CASTRO REIS^b

Resumo

Este texto objetiva discutir a pastoral escolar com especial atenção aos grupos de adolescentes e jovens. Os grupos são compreendidos, neste texto, como importante espaço de encontro e socialização dos adolescentes e jovens, mas também como espaço de formação e convivência comunitária. Ao se reconhecer a diversidade juvenil e o seu desenvolvimento como processo, refletimos criticamente o cenário da pastoral escolar com as adolescências e juventudes, indicando, ao final, a construção de itinerários formativos abertos, ajustáveis, mas plurais e estratégicos, a fim de colaborar na construção de projetos e processos atentos à formação integral e à realidade sociopolítica.

Palavras-chave: Adolescências. Juventudes. Escola Católica. Pastoral Escolar.

Abstract

This article aims to discuss school pastoral with special attention to adolescents and youth groups. The groups are understood, in this text, as an important space for meeting and socializing between adolescents and young people, but also as a space for training and community living. Recognizing youth diversity, and its development as a process, we

^a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil. Mestre em Ciências da Religião, e-mail: jonathanfelixadm@gmail.com

^b Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. Mestre em Ciências Sociais, e-mail: bmarcio.reis@gmail.com

critically reflect the school pastoral scenario with adolescents and youth, indicating, in the end, the construction of an open, adjustable, but plural and strategic training itineraries, in order to collaborate in the elaboration of projects and processes that are attentive to integral training and socio-political reality.

Keywords: *Adolescence. Youth. Catholic School. School Pastoral.*

Introdução

São numerosos os estudos que indicam os grupos e coletivos juvenis como espaços significativos de socialização e desenvolvimento (STENGEL, 2000; SPÓSITO, 2010; ALMEIDA, 2009; ALMEIDA; PENZIM, 2019; JUNQUEIRA; LEAL; RIAL, 2021). Em grupos, adolescentes e jovens desenvolvem-se ao encontrar junto aos seus pares oportunidades de partilhar seus sonhos e seus medos, seus segredos e suas conquistas. Assim, trocam experiências e criam cumplicidade. Em grupos, crescem culturalmente.

Mesmo em grupos socialmente homogêneos, não se tem sempre os mesmos gostos, as mesmas tradições familiares, os mesmos valores, formação e visão de mundo. O encontro e o contraste destas microdiversidades são elementos culturais formativos. As relações interpessoais estabelecidas são acontecimentos significativos e transformadores.

Grupos mais heterogêneos, por sua vez, possuem outro tipo de experiência social, se comparados aos primeiros. A circulação por grupos culturalmente distintos é acompanhada, ou condicionada, geralmente, por certa capacidade de mobilidade na cidade. A cidade capitalista tende a se organizar, social e geograficamente, de forma a segregar as pessoas e seus grupos por classes e culturas (ALMEIDA; NAKANO, 2011; CARRANO, 2011; MENDES; CASSAB, 2011; COIMBRA; NASCIMENTO, 2005). Neste contexto, percebemos que os saberes e as práticas sociais de maior prestígio e reconhecimento tendem a ser aquelas estabelecidas e reproduzidas entre uma parcela bem específica de adolescentes e jovens. Geralmente, aqueles e aquelas que vivem em contextos sociais de maior proteção e com mais recursos econômicos. São estes que, desde muito jovens, têm mais facilidades de circulação e, conseqüentemente, de acessar grupos e culturas mais diversificadas.

Os grupos cumprem papel importante na adolescência e na juventude, mas os lugares “ocupados” pelos grupos tendem a ser diferentes. Ou seja, sua função não é mesma em um caso ou noutro. Os estudos da psicologia do desenvolvimento, da sociologia, da antropologia ajudam-nos a compreender a condição juvenil, seu processo de socialização, as formas de sociabilidades e as particularidades das experiências em grupos e ações coletivas (SOUZA, 2019; REIS, 2018; NONATO *et al.*, 2016; FERREIRA, 2012; ARROYO, 2010; NOVAES, 2006; SANTROCK, 2003; STENGEL, 2000). À luz dos documentos pastorais e de estudos especializados é que também podemos criticar modos de pensar e trabalhar com as juventudes, modos de formar e educar; modos de pensar e fazer pastoral. Todo(a) educador(a) que estima uma ação crítica e qualificada deve, a todo tempo, visitar seus pressupostos, enfrentar com coragem o desafio de trabalhar com sujeitos dinâmicos e complexos e colocar sob suspeitas suas verdades estabelecidas.

Adolescentes e jovens são, por excelência, pessoas em desenvolvimento. É preciso reconhecer que eles(as) não estão prontos e que necessariamente mudam. Concepções pedagógico-pastorais enrijecidas certamente encontrarão dificuldades para compreender o universo dos/as adolescentes e jovens e terão sob risco o reconhecimento de seus códigos, suas linguagens e seus modos de vida, arriscando a efetividade de sua ação pedagógico-pastoral.

Notas metodológicas

Este ensaio consiste no desenvolvimento de uma reflexão crítica do fazer pastoral no âmbito da escola confessional católica. Resulta da experiência profissional dos autores nesta área de atuação, somada às experiências advindas das trajetórias pastorais no âmbito eclesial, mas também da atuação profissional nas áreas da Psicologia, Ciências Sociais, Administração e Ciências da Religião, em diálogo com a Educação.

Este texto visa contextualizar, brevemente, o cenário da pastoral escolar no tempo presente, refletindo especialmente acerca da pastoral com adolescentes e jovens. Abordaremos alguns desafios da prática pastoral nas

escolas confessionais, atentos à diversidade juvenil e religiosa presente na escola e na sociedade contemporânea, e aspectos metodológicos e pedagógicos dos trabalhos com grupos. A reflexão se faz em diálogo com estudos especializados, documentos pastorais e diretrizes de evangelização das juventudes.

Neste ensaio, apresentamos uma proposta de itinerários, reconhecidamente abertos, convidando o/a leitor/a para a coautoria. Entende-se aqui que rever caminhos para ação pastoral com adolescentes e jovens é simultaneamente compromisso ético e político, de exercitar escuta e possibilitar práticas emancipatórias, mas também metodológico, revisitando práticas, concepções e processos adotados, por vezes naturalizados, para formação integral e a evangelização dos(as) adolescentes e jovens no mundo atual. Em “Considerações acerca da pastoral com adolescentes e jovens” apresentamos para reflexão pontos críticos da ação pastoral a fim de oportunizar diálogos e novos debates.

A pastoral com adolescentes e jovens

Quando uma escola católica compreende a formação de grupos na escola como um jeito de ser e fazer de Jesus, ela trabalha um dos principais elementos que representa uma proposta cristã: o fortalecimento de uma comunidade. Esse caminho não é fácil, pois as adolescências e juventudes são muitas e diversas, desafiando nossos métodos e postura de educadores(as) para lidar com esse mundo.

Diversas pesquisas, como as do Observatório da Juventude (OJ)¹, concentram inúmeros trabalhos que podem subsidiar os/as educadores/as na compreensão do mundo juvenil e na formulação de métodos que construam

¹ Programa de ensino, pesquisa e extensão universitária vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O Observatório da Juventude é reconhecido nacional e internacionalmente por sua atuação junto às juventudes na interface com a educação popular, às ações coletivas e as práticas culturais, bem como as políticas educacionais e as políticas públicas de modo mais amplo.

*Pedagogias das Juventudes*². Se as juventudes são diversas, o caminho pedagógico também deveria ser. Não é possível, por exemplo, construir um livro que replique pelo Brasil inteiro uma única forma de criar grupos. Por isso, o ponto de virada epistemológica no trabalho com as juventudes está no reconhecimento deles/as como sujeitos ativos do processo.

Ao preparar um projeto para a criação e fomento de grupos na escola confessional, a instituição precisa deixar evidente sua intencionalidade pedagógica-pastoral, tendo consciência de onde quer chegar. É preciso conhecer sua comunidade educativa, descobrir o que existe no seu entorno e compreender esta realidade em suas necessidades e potencialidades. Junto disso, é fundamental conhecer quem são seus/suas jovens. Compreender suas culturas, desejos, aspirações, medos, linguagens, realidades sociais, escolares, profissionais e religiosas. Um projeto pedagógico-pastoral que desconsidere estes aspectos certamente sucumbirá ao concorrer com inúmeras outras propostas a eles/as direcionadas.

Observem os desejos que estão presentes e que mobilizam os/as jovens: dança, música, capoeira, esportes, movimentos sociais, defesa do meio ambiente, defesa da vida das crianças, dos/as jovens, mulheres, negros/as, idosos/as, pela educação, saúde, gênero, entre outros (TEIXEIRA; SILVA, 2010, p. 15).

Uma boa estratégia de aproximação e diálogo, é buscar conhecer séries, filmes, youtubers, músicas e outros que fazem parte do universo destes adolescentes e jovens. É compartilhar tempo com os jovens. Todo encontro é também ocasião de conhecimento; neste sentido, não há “jogar conversa fora”³.

“Desver” o mundo é crucial a todo/a educador/a que atua com as juventudes. Não é preciso ser jovem para trabalhar com jovens. Não é preciso parecer jovem para atraí-los ou cativá-los. Inclusive, um equívoco comum, ao buscar uma aproximação com as juventudes e a construção de vínculos, é adotar gírias, vestimentas e/ou hobbies nada genuínos ou autênticos, ainda

² A “Pedagogia das Juventudes” vem sendo desenvolvida, ao longo dos anos, e por meio de inúmeras ações e projetos de pesquisa e extensão no âmbito do Observatório da Juventude, UFMG. Para aprofundamento sugerimos Dayrell (2016).

³ Expressão popular geralmente associada, numa lógica produtivista, à perda de tempo em conversas informais ou sobre assuntos de menor relevância.

que bem-intencionados, para gerar simpatia. Corre-se grande risco de ser por eles taxados, de forma crítica e até jocosa, como o tiozão/tiazona, caindo em descrédito.

Quanto aos modos de fazer pastoral, uma mudança que tem ficado cada vez mais evidente não só nos grupos juvenis, mas em todas as instâncias da Igreja, é que:

Os leigos já não são leigos, e em escala crescente se conscientizam disso. Uma nova mentalidade está surgindo. Estamos confrontados com uma nova autonomia que não se submete, mas que questiona. [...] Responder a tais atitudes com referência à autoridade e a tradição não resolve o problema. (BLANK, 2006, p. 43).

Um caminho pastoral que lide com essa mudança é aquele que fomenta a construção conjunta, é o caminho de fazer **com** as pessoas e não **para** as pessoas. Na direção de repensar o modo de fazer pastoral e ser Igreja no mundo atual, o Papa Francisco é claro e enfático, já em sua primeira Exortação Apostólica, a *Evangelii Gaudium*. Nela o Papa convida toda a Igreja a assumir como compromisso uma “Pastoral em conversão” e espera que “todas as comunidades” — não atribui esta tarefa a um ou outro agente, mas à coletividade — se empenhem “para não deixar as coisas como estão”. Francisco ressalta que este apelo por renovação já foi feito a toda Igreja pelo Papa Paulo VI⁴, e esteve presente nos anseios dos Concílio Vaticano II⁵. Francisco sonha com uma renovação eclesial, que classifica como “inadiável”, esta “capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionando mais à evangelização do mundo do que à autopreservação” (EVANGELII GAUDIUM [EG], 2013, p. 25).

As escolas católicas são parte da Igreja e estão, também elas, responsáveis pela evangelização no mundo atual. Como o apelo do Papa,

⁴ Foi eleito Papa em junho de 1963, exerceu o Pontificado até sua morte, em agosto de 1978.

⁵ O Concílio Vaticano II diz respeito a um conjunto de encontros que tinham por objetivo discutir com profundidade a realidade e os desafios da Igreja daquele tempo e apontar caminhos para sua renovação. Participaram do Concílio padres, bispos, especialistas convidados, dentre outros. O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII em 1963 e finalizou em 1965, já sob o Pontificado do Papa Paulo VI.

citado anteriormente, tem sido ouvido e praticado nas escolas? Como a pastoral educativa pode então se converter para assumir esta nova evangelização?

O desafio é grande e, assim como nas paróquias, nas escolas também há, em muitos casos, resistência às mudanças. No sentido aqui empregado, mudar é abandonar o conformismo com as convenções, normas e costumes estabelecidos, mas que já não cumprem sua função, já não respondem às necessidades atuais, mas que por cultura ou apego se perpetuam nas práticas destas instituições.

Algo que impede a mudança e a participação plena de todos na Igreja é o clericalismo⁶. Uma atitude enraizada que não permite experimentarmos o sacramento da novidade que a juventude nos traz. Nesse sentido, o Papa Francisco em uma de suas homilias refletiu as diversas vezes que Jesus:

bate à porta, mas de dentro, para que o deixemos sair, porque nós, muitas vezes, sem testemunho, o mantemos prisioneiro das nossas formalidades, dos nossos fechamentos, dos nossos egoísmos, do nosso modo de viver clerical (FRANCISCO, 2018).

A formação dos grupos de adolescentes e jovens é uma oportunidade estratégica e ao mesmo tempo um espaço por excelência que as escolas católicas podem possibilitar para que os/as estudantes se tornem coautores do processo educativo.

Construir uma cultura de grupos, com adolescentes e jovens, em uma escola não é algo que se concretiza da noite para o dia; é um processo de acompanhamento que exige priorização estratégica, planejamento e dedicação. É lamentável que muitas instituições encarem esse movimento como despesa. Essa concepção de muitos gestores(as), além de um contratestemunho, representa uma visão míope que não consegue enxergar a formação de grupos como uma excelente estratégia também de fidelização. Quem não se sente parte é o primeiro que parte.

⁶ Termo expressa a centralização de poder e de decisão nas Igrejas ao clero, em detrimento do povo cristão, chamado de leigo, vivendo uma cidadania cristã de segunda categoria. O clericalismo diz respeito também a imposição de modelo e cultura religiosa por via de poder institucional.

Todo esse processo precisa ser construído levando-se em conta uma proposta pastoral que parta do **'fazer com'** alicerçada no jeito de Jesus, considerando o desenvolvimento das idades e uma compreensão de formação integral. É importante pensar uma formação em modelos de grupos e atividades que englobem as dimensões da pessoa humana e os seus processos, que não as reduzam apenas à experiência grupal.

Construção de itinerários abertos

Para iniciar essa proposta é preciso dizer novamente que não existe uma receita pronta que possa ser replicada em todas as escolas. Cada grupo é único e necessita de cuidados específicos. Nesta seção, queremos oferecer pistas que possam inspirar os(as) educadores(as) na direção de uma formação integral dos(as) educandos(as).

Sugerimos a formação de grupos pequenos, de no máximo 20 participantes. Trata-se de uma opção pedagógica que possibilita um real acompanhamento dos processos de amadurecimento e que faz com que os participantes possam contrair “o cheiro de ovelhas” (EG, n. 24). Além disso, o grupo, com o tempo, passa a entrar na vida diária uns dos outros e a encurtar suas distâncias.

No Infográfico 1, apresentamos linhas de ação estratégica. Estas são possibilidades de atuar considerando a multiplicidade das adolescências e juventudes. A escola pode ter vários grupos e é até bom que os tenha. Todo o processo deve ser circular, proporcionando um itinerário-formativo que esteja atento a diversas dimensões, como mostrado na Tabela 1.

Infográfico 1 – Linhas de Ação Estratégica



Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 1 – Dimensões da formação integral

Dimensão psicoafetiva	ficando atento/a ao modo de construir-se como pessoa, seus valores;
Dimensão psicossocial	integrando criticamente a pessoa no grupo e na comunidade;
Dimensão mística	cuidando da fé; da participação na vida eclesial, assumindo uma causa para a vida;
Dimensão sociopolítico-ecológica	desenvolvendo a criticidade de modo a se posicionar no mundo e provocar a sua transformação tendo como referência a vida em abundância para todo/as;
Dimensão metodológica	desenvolvendo habilidades para intervir no mundo desde o grupo de jovens até o planejamento de organizações mais amplas da sociedade e da Igreja.

Fonte: Adaptado de TEIXEIRA; SILVA, 2010.

Ao falarmos em itinerários abertos, o fazemos por dois principais motivos: abertos, no sentido de se fazer continuamente como um processo de constante planejamento, execução, avaliação, replanejamento, mas abertos também para uma revisão de maior envergadura que consiste em uma postura ativa de ler nos sujeitos jovens os sinais dos tempos e, conhecedores de suas culturas e linguagens, construir uma pastoral que os faça pensar, que lhes toque o coração, e os leve a agir para transformar o mundo e suas injustiças, na direção do bem comum e da civilização do amor.

Considerações acerca da Pastoral com adolescentes e jovens

É preciso amor, empatia e confiança para cativar as juventudes. A dificuldade de entrar nesse mundo juvenil pode ser vencida se mudarmos nossa forma de olhar e construir. O Papa Francisco ao refletir sobre a atuação dos adultos com as juventudes falou da tentação que muitos caem em “fazer uma lista de desastres, e de defeitos da juventude atual [...], qual seria o resultado deste comportamento? Uma distância sempre maior; menos proximidade, menos ajuda mútua” (CV, 2019, n. 66). Um desafio a ser assumido está em compreender que o padrão de sociedade mudou. Saímos de um modelo fixo para um modelo fluido, dinâmico. De um modelo baseado na coerção para um modelo participativo (CORBÍ, 2017). Renold Blank (2006), ao retratar sobre essa mudança e o processo de uma nova autonomia do laicato no século XXI, retoma a referência que temos da relação entre o “Pastor” e as “Ovelhas”. As ovelhas, para este autor, já não são inocentes ou aquelas que não sabem de nada, pelo contrário, sabem e querem contribuir — ou, se não sabem, querem construir conjuntamente.

A longo prazo, existe o risco pedagógico-pastoral de não desenvolver um/uma jovem como “uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de se doar” (CV, n. 221), o que, em muitos casos, está associado a concepções que não consideram os processos. Trata-se de um modelo pastoral arriscado. Um exemplo que podemos observar é a “Pastoral de Eventos”.

A “Pastoral de Eventos” consiste em fazer a opção, majoritariamente, por eventos pontuais e/ou encontros de grande impacto: shows, marchas, retiros vivenciais e outros. O risco e o custo desta opção pastoral é o seu caráter passageiro que acaba reforçando, contraditoriamente, embora em meio à encontros com tantas pessoas: o 1) caráter individualista, posto que em massa não se cria laços e relações sólidas de conhecimento e segurança; 2) formação frágil, já que em massa não se criam, geralmente, oportunidades para contraposição, questionamento, ou construção coletiva de saberes críticos; e a 3) passividade, pois reforça o papel de um ou de poucos líderes a conduzirem o rebanho, limitando a possibilidade de protagonismo posto que a liderança é centralizada, reforçando ainda o *fastfood* das experiências religiosas. *Fastfood* é uma expressão inglesa que podemos traduzir por “comida rápida”. No contexto de nossa reflexão, é uma metáfora que nos ajuda a pensar que, se a pastoral se baseia, ou limita-se, apenas às experiências de massa por meio de eventos de impacto, reforçamos a cultura da pressa, dos números e metas por si só, da fragilidade dos laços e compromissos, da impessoalidade.

Disseminada entre diversas pastorais no interior da Igreja, assim como na pastoral juvenil, este modelo de pastoral pode a curto prazo apresentar alguns bons resultados, no entanto, por facilmente se perder em um ativismo pouco planejado, imediatista, generalista, não consegue cuidar da continuidade (processo), do acompanhamento e da proximidade entre seus participantes.

A Igreja no Brasil e na América Latina, buscando qualificar e orientar os trabalhos com as juventudes, tem publicado documentos⁷ fundamentais para o conhecimento e para prática pastoral. Nestes documentos, tratam-se algumas linhas de ação e princípios importantes do trabalho pastoral, dentre eles, a formação integral. Corresponde dizer que uma pastoral sólida, qualificada e sintonizada com as questões de seu tempo deve conceber e trabalhar de forma integral e integrada.

⁷ Ver CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1998; 2007; 2013 e CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2013b.

Considerações finais

Ao analisarmos o cenário da pastoral com adolescentes e jovens no Brasil nos damos conta de certo descolamento entre as propostas e orientações desses documentos e os trabalhos nas comunidades educativas. Isto leva-nos a pensar: 1) os documentos são desconhecidos pelas equipes pedagógicas e de pastoral; 2) As equipes pedagógicas e de pastoral conhecem os documentos, mas atuam sem levar em consideração, na prática, as orientações e linhas de ação; 3) há dificuldade em colocar em prática, ou realizar uma crítica construtiva e propositiva, às orientações e linhas de ação.

Resultado disso é, além de uma pastoral de eventos, mencionada anteriormente, ações pastorais que: 1) se propõem sociais, mas que se limitam ao assistencialismo, o que, ao invés de transformar a realidade, mantém a injustiça social e a violência política; 2) reproduzem o individualismo por meio de uma espiritualidade intimista (a reprodução do individualismo é perceptível desde as práticas religiosas de excessiva introspecção ao repertório musical adotado, em encontros e celebrações, que indica muito “eu” e pouco “nós” na relação com Deus e com o mundo que co-habitamos); 3) confundem afetividade com emoções, pois o choro e a emocionalidade que são tidas como experiência e manifestação do sagrado não levam necessariamente ao desenvolvimento emocional e ao fortalecimento humano e afetivo.

Consideramos fundamental, para trabalhos que visam desenvolver a potencialidade dos grupos de adolescentes e jovens nas comunidades escolares: 1) conhecer as culturas juvenis; 2) desenvolver processos pastorais apostando em assessores⁸ qualificados e no protagonismo juvenil; 3) conhecer e realizar, na prática, a formação integral e integrada das juventudes — os estudos especializados e os documentos pastorais são de fundamental importância; e de modo mais especial, para quem trabalha com a pastoral escolar, 4) apostar na interface da Pastoral com a Base Nacional Comum Curricular no que tange o desenvolvimento das competências e habilidades socioemocionais.

⁸ Sobre o ministério do acompanhamento e assessoria, veja: DICK; TEIXEIRA; LEVY (2008).

Os grupos na escola são espaço-tempo estratégico de formação humana e construção de comunidades. Em grupo, Jesus ajudou as pessoas a construir seus projetos de vida em relação consigo, com o outro e com o mundo.

Referências

ALMEIDA, E. de. *Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências*. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

ALMEIDA, E. de; NAKANO, M. Jovens, territórios e práticas educativas. *Revista Teias*, v. 12, n. 26, set./dez, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24214/17193>. Acesso em: 18 abr. 2020.

ALMEIDA, R. de C.; PENZIM, A. M. B. *Saraus: sociabilidade, resistência e recriação dos espaços públicos*. In: PENZIM, A. M. B.; SOUZA, R. S. R.; ALVES, C. F. (Orgs.). *Na cidade: micropolítica e modos de existência*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, NESP, 2019. p. 23-45. (Cadernos temáticos dos Nesp, n. 9).

ARROYO, M. G. A juventude popular na agenda da pesquisa e da extensão: comentário à palestra de Helena Abramo. In: INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (Org.). *Diálogos em extensão: encontros da rede PUC sobre Infância, adolescência e juventude*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2010. p. 45-56.

BLANK, R. J. *Ovelha ou protagonista?: a Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006.

CARRANO, P. C. R. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. *Revista teias (UERJ. Online)*, Rio de Janeiro. v. 12, n. 26, set/dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209/17188>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DA BRASIL (CNBB). *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998. (Estudos da CNBB, n. 76).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DA BRASIL (CNBB). *Pastoral Juvenil no Brasil: identidade e horizontes*. São Paulo: Paulus, 2013. (Estudos da CNBB, n. 103).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DA BRASIL (CNBB). *Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB, n. 85).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Civilização do Amor: Projeto e Missão*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. do. *Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?*. 2005. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto23.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CORBÍ, M. *Las sociedades de conocimiento y la calidad de vida*. Barcelona: Bubok, 2017. (Principios de Epistemología Axiológica, n. 5.)

DAYRELL, J. (org.). *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DICK, H. H.; TEIXEIRA, C. L.; LEVY, S. S. *Acompanhamento: Mística do/a Acólito/a da Juventude (Educação na Fé)*. São Paulo: CCJ, 2008.

FERREIRA, V. S. *Resistência versus existência? A dimensão política das microculturas juvenis*. In: DAYRELL, J.; NOGUEIRA, M. A.; RESENDE, J. M.; VIEIRA, M. M. (Orgs.). *Família, Escola e Juventude: olhares cruzados Brasil / Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 344-371. Disponível em: <http://vitorsergioferreira.net/wp-content/uploads/2014/12/2012-Existencia-vs-resistencia-Familia-Escola-e-Juventude.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2021.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. (EG). São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Encontro do Papa Francisco com os jovens italianos em vista do sínodo*. 11 ago. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/august/documents/papa-a-francesco_20180811_giovani-italiani.html Acesso em: 19 dez. 2021.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit (CV)*. 25 de mar. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em: 19 dez. 2021.

JUNQUEIRA, S. A.; LEAL, V. A.; RIAL, G. *Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica*. Brasília: Edições CNBB; Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

MENDES, J. T. N.; CASSAB, C. *Perder-se também é caminho: a dimensão espacial da juventude*. *Libertas*, Juiz de Fora. v. 11, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/libertas/article/viewFile/1665/1161>. Acesso em: 18 abr. 2020.

NONATO, S. P.; ALMEIDA, J. R.; SEPULCRO JÚNIOR, J. M.; SANTOS, L. F. dos; SANTOS, K. A. dos; FREITAS, L. C. de. *Projeto InterAgindo: construindo saberes com uma juventude trabalhadora*. In: DAYRELL, J. (org.). *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

NOVAES, R. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.

REIS, B. M. de C. Ser jovem na metrópole: a condição juvenil nas margens das grandes cidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL “APROXIMAÇÕES COM O MUNDO JUVENIL”: JUVENTUDES E AÇÕES COLETIVAS CONTEMPORÂNEAS, 2., 2018, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: FAJE, 2018. p. 192-201. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/3994/3990>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SANTROCK, J. *Adolescência*. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A, 2003.

SOUZA, J. F. de. *Juventudes e instituições religiosas: desafios em transmitir o que os antepassados chamavam de espiritualidade*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER: DECOLONIALIDADE E PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS, 32., 2019, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2019. p. 968-974. Disponível em: <http://www.soter.org.br/anais/32.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019

SPÓSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 95-106, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea08.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

STENGEL, M. Adolescência: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 1, n. 10, p. 44-52, jul. 2000.

TEIXEIRA, L. C.; SILVA, L. R. da. *Como iniciar um grupo de jovens?* São Paulo: CCJ - Centro de Capacitação da Juventude, 2010.

RECEBIDO: 01/12/2020
APROVADO: 19/12/2021

RECEIVED: 12/01/2020
APPROVED: 12/19/2021